

FIDELIDADE E TRADUÇÃO: UMA RELAÇÃO CONFLITUOSA**Claudio Luiz da Silva Oliveira****RESUMO**

O presente trabalho faz uma abordagem crítica e reflexiva sobre o tema infidelidade na tradução. Assim, objetivou-se com este trabalho fazer um estudo de cunho bibliográfico sobre a temática ora discutida, realizando leituras para conhecer as ideias abordadas sobre o assunto por teóricos e pesquisadores, a partir da busca em artigos e dissertações na plataforma eletrônica SCIELO. Com o estudo, fez-se um estudo crítico e reflexivo sobre a relação do tradutor com os ideais de fidelidade. Ao analisar ideias discutidas por teóricos que abordam essa temática como Arrojo (1986), Aubert (1998), Bohunovisky (2001), entre outros, evidenciou-se que não há possibilidade desse profissional atuar com fidelidade no processo de tradução, haja vista a complexidade semântica das línguas, bem como as características subjetivas de cada tradutor além das relações culturais presentes na língua de partida e de chegada. Ainda, discutiu-se sobre a necessidade de engajamento social dos tradutores em seu trabalho de forma mais efetiva, para que alcancem o reconhecimento devido pela tão importante tarefa de traduzir, para o universo acadêmico, sobretudo.

Palavras-chave: Tradução. Fidelidade. Conflitos.

FIDELITY AND TRANSLATION: A CONFLICT RELATIONSHIP**ABSTRACT**

The present work takes a critical and reflexive approach on the topic of infidelity in translation. The objective of this work was to make a bibliographic study about the topic discussed, performing readings to know the ideas approached about the subject by theorists and researchers, from the search in articles and dissertations in the electronic platform SCIELO. With the study, a critical and reflective study was made on the relation of the translator to the ideals of fidelity. In analyzing ideas discussed by theorists who approach this subject as Arrojo (1986), Aubert (1998), Bohunovisky (2001), among others, it was evidenced that there is no possibility of this professional to act with fidelity in the translation process, because the semantic complexity of the languages, as well as the subjective characteristics of each translator besides the cultural relations present in the language of departure and arrival. Also, it was discussed the need of social engagement of the translators in their work in a more effective way, so that they reach the recognition due to the so important task of translating, for the academic universe, above all.

Keywords: Translation. Faithfulness. Conflicts.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa fazer um estudo de cunho bibliográfico sobre a fidelidade do tradutor no processo de tradução de textos diversos, analisando o que dizem alguns estudiosos no assunto sobre essa (in)fidelidade no processo.

Para tal, fez-se necessário realizar diversas leituras sobre o assunto em livros, revistas eletrônicas e periódicos digitais, bem como em sites da internet para compreender a fundo o assunto e fazer uma reflexão acerca da temática em tela.

Na academia, especialmente no curso de Letras Espanhol, sempre ouviu-se falar pelos professores do curso que o processo de tradução de livros e artigos, sobretudo, é bastante complexo e abrange uma série de fatores – pessoais, culturais, ideológicos, acadêmicos. Também se ouviu muito nas aulas de Espanhol que no processo de tradução muito se perde da obra original, além de dificultar para o leitor o entendimento das ideias discutidas pelos autores.

Exemplo dessa problemática acima apresentada são as obras de Michel Foucault, por exemplo. Esse filósofo francês contemporâneo muito contribuiu com os estudos acadêmicos na Europa, e escrevia suas obras (livros e artigos) em seu idioma, que mais tarde seriam traduzidos para todos os continentes e línguas, chegando ao Brasil inclusive. Todavia, nota-se que a leituras dessas obras é dificultada, haja vista o processo de tradução que atravessaram (do Francês ao Inglês, do Inglês ao Português). Nesse meio do caminho, segundo alguns professores do Campus Floresta, muito se perdeu e quando se lê a obra original, no idioma escrito pelo autor, percebem-se nitidamente algumas diferenças pontuais. O mesmo acontece com o Russo Mikhail Bakhtin.

Nesse sentido, o presente artigo visa fazer um levantamento de ideias já concebidas, num viés crítico, com o intuito de perceber o que dizem vários pesquisadores sobre a relação tradução *versus* fidelidade. Ao final, far-se-ão apontamentos no artigo, apontando os resultados obtidos na pesquisa empreendida.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos pela pesquisa de caráter bibliográfico, a qual, conforme afirma Vergara (2004), é o estudo sistematizado desenvolvido com base em

material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.

Dessa forma, este estudo restringiu-se a definir objetivos e buscar mais informação sobre a fidelidade do tradutor no processo de tradução de idiomas, valendo-se da pesquisa bibliográfica que, de acordo com Marconi e Lakatos (1996, p. 66), “oferece meios para definir, resolver não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente.”.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi o método mais indicado para o presente estudo, pois nos possibilitou um contato bem aprofundado sobre a temática escolhida a partir da leitura de vários trabalhos anteriores, sistematizando as informações coletadas e favorecendo uma compreensão aguçada acerca do assunto em tela.

TRADUÇÃO E FIDELIDADE

A teórica brasileira Rosemary Arrojo é uma das estudiosas mais notáveis na discussão da fidelidade no processo de tradução de idiomas. A mesma faz alguns apontamentos importantes sobre o assunto, onde discute o processo de construção de significado, mostrando que uma palavra não tem um sentido fixo e único, imediatamente decifrável por qualquer indivíduo. Assim, “não existe uma linguagem capaz de neutralizar as ambiguidades, os duplos sentidos, as variações de interpretação, as mudanças trazidas pelo tempo ou pelo contexto” (ARROJO, 1986, p. 17).

De fato, reconhece-se a dificuldade de transmissão dos sentidos de um texto quando o assunto diz respeito à semântica (área da linguística que estuda os sentidos de uma língua). Todavia, o tradutor precisa ser o mais fiel possível no processo de tradução para que os sentidos do texto original não se percam ou se deturpem.

Bohunovisky (2001, p. 52) assegura que os três princípios básicos que definiriam uma “boa” tradução e que foram sugeridos por Alexander Fraser Tytler, já em 1791, podem ser vistos como características, também, da tendência linguística-cientificista dos estudos da tradução (cf. Arrojo [2000: 13]):

- 1) a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original;
- 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e
- 3) a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original.

Portanto, partindo de tais “princípios” de tradução, fica evidente que o objetivo principal do tradutor deveria ser o mais “fiel” ao original em sua totalidade e ficar “invisível” no texto traduzido, pois o objetivo fundamental de qualquer tradução seria a “reprodução” do “original” em outro código. (BOHUNOVISKY, 2001, p. 52)

Analisando tais ideias, fica claro que a tarefa do tradutor deveria ser uma atividade neutra e objetiva, sem interferências pessoais e/ou ideológicas do tradutor no texto traduzido para não modificar a essência do texto. No entanto, com o avanço da ciência de forma constante, muito tem se discutido sobre mudanças necessárias nessa relação. Exemplo disso é o livro *As (In)Fidelidades da Tradução*, de Francis Henrik Aubert, no qual ele destaca que:

parece evidente que não se pode exigir uma fidelidade àquilo que é por definição inacessível: no caso em pauta, a mensagem pretendida do emissor original. Mesmo a mensagem virtual não é diretamente acessível [...]. Assim, a matriz primária da fidelidade há de ser, por imposição dos fatos, a mensagem efetiva que o tradutor aprendeu enquanto um entre vários receptores do texto original, experiência individual e única, não-reproduzível por inteiro nem mesmo pelo próprio receptor-tradutor, em outro momento ou sob outras condições de recepção. (AUBERT, 1994, p. 75).

Como mencionamos acima, é linguisticamente impossível ser totalmente fiel a determinados sentidos expressos no texto, pois a língua admite uma vasta riqueza de interpretações e, como tal, não carrega em si um sentido único. Talvez seja por isso que a tarefa do tradutor seja tão difícil e complexa. Tal concepção acima discutida é corroborada com Arrojo (2000), quando diz:

[...] é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. [...] O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para *construir* uma interpretação coerente do texto. [...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e suas intenções. [...] Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que considerarmos *ser* o texto original, àquilo que considerarmos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. (ARROJO, 2000, p. 40-44).

Nessa perspectiva, houve um deslocamento do papel do tradutor diante da árdua tarefa de interpretar os pensamentos de um autor e transferi-los para outro idioma. E esse trabalho não pode ser feito de forma invisível ou totalmente fidedigno ao texto original. Tal assertiva é constatada no trabalho de Bohunovsky (2001):

A “fidelidade” na tradução não é mais entendida como a tentativa de “reproduzir” o texto de partida, mas está sendo relacionado à inevitável interferência por parte do tradutor, à sua interpretação e manipulação do texto. O tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico - que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução. O tradutor tornou-se “visível”. (BOHUNOVSKY, 2001, p. 54)

Assim, fica nítido que a relação entre tradução e fidelidade é um tanto delicada, evidenciadas as razões que já tratamos acima. Logo, é praticamente impossível traduzir determinado texto sem colocar nele as nossas impressões individuais, ideológicas, acadêmicas e políticas, tanto quanto é impossível sermos invisíveis nesse processo.

3.1 A DIFÍCIL TAREFA DE SER “FIEL” NAS TRADUÇÕES

Na seção anterior, evidenciaram-se algumas concepções acerca dos estudos de tradução, no que tange à fidelidade do tradutor em seu trabalho. Aqui, aprofundaremos a discussão, revisitando outros trabalhos já realizados sobre o assunto.

Em primeiro lugar, convém fazer uma reflexão sobre o conceito de fidelidade, especificamente em tradução. Na academia, é comum ouvirmos comentários sobre versões traduzidas, em que se considera uma versão melhor que a outra por ter sido mais “fiel” às ideias discutidas pelo autor. Isso é comum tanto na academia quanto fora dela, pois se convencionou associar essa fidelidade da obra original com a qualidade das traduções. Nessa direção, Vasconcelos e Júnior (2009, p. 20) ponderam que “tradicionalmente, a fidelidade tem sido invocada para marcar uma aderência literal ao texto de partida, o que tem sido considerado como valor positivo.”

No entanto, sobre essa relação acima citada, Vasconcelos e Júnior (2009) esclarecem que:

O que tipicamente acontece é que os usuários do termo ‘fidelidade’ não se preocupam em defini-lo, o que vem por conferir uma qualidade generalista e, sobretudo, vaga a qualquer avaliação nele baseada: o conceito é, geralmente, associado a apenas *um* dos aspectos da tradução, qual seja, sua relação com um texto de partida. (Vasconcelos e Júnior, 2009, p. 20)

Se nos pautássemos em discutir a definição de fidelidade na tradução, de acordo com os estudos etimológicos e semânticos, veríamos que o termo é bem amplo e complexo, merecendo um olhar atento e cauteloso para com ele. Como este artigo visa apenas discutir a relação entre o processo de tradução e a fidelidade do autor, essa discussão não nos cabe no momento. No entanto, segundo os autores Vasconcelos e Júnior (2009, p. 22):

O Dictionary of Translation Studies (1997) se refere a esse conceito no verbete ‘Faithfulness’ (ou ‘Fidelity’), usando os dois termos – ‘faithfulness’ e ‘fidelity’ – como sinônimos, afirmando que qualquer distinção entre eles seria ‘artificial’: “Termos gerais usados para *descrever até que ponto* um texto traduzido (‘Target Text’ – TT) *pode ser considerado uma representação justa* de um texto fonte (‘Source Text’ – ST), *segundo algum critério*” (itálicos adicionados).

O que se sabe, de fato, é que conforme Wolfram Wilss (1996, p. 5), a tradução é “consideravelmente determinada pela personalidade do tradutor”. Pode-se ainda, complementar essa aceção com os estudos de Arrojo (1986), a qual questiona o conceito de fidelidade enquanto transferência total dos significados de um texto em uma língua, para outro texto em outra língua, argumentando que nenhuma tradução é capaz de recuperar a totalidade do ‘original’, já que revela, inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto e não o ‘transporte’ de seu conteúdo para uma nova língua.

Ainda, Aubert (1994, p. 7) também problematiza o conceito de fidelidade, ao questionar o que ele chama de diversas ‘servidões’ a que o tradutor está submetido, e mostra a impossibilidade de esse tradutor ser um canal livre de obstruções à passagem ‘plena’ do texto original à sua nova configuração linguística.

Diante do exposto, fica claro que o tradutor não conseguirá ser “fiel” à obra original traduzida, levando-se em consideração a complexidade da tarefa em questão. No entanto, ele precisa ser fiel à sua personalidade no processo de tradução, pois é esse aspecto subjetivo que determina o direcionamento das traduções feitas, sendo impossível de serem invisíveis no trabalho feito pelo mesmo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das leituras empreendidas, de artigos e livros sobre o assunto, evidenciou-se certa unanimidade entre teóricos de tradução, de tendências bastante diversas, no que diz respeito à impossibilidade de se realizar uma tradução “fiel” ao “original”, isto é, recuperar, de uma maneira absolutamente neutra e objetiva, os significados supostamente inerentes a um texto de partida (BOHUNOVISKY, 2001, p. 55).

De antemão, ficou nítida e bastante clara a impossibilidade de uma fidelidade do tradutor na árdua missão de transferir para outro código as ideias de um autor a partir de um texto original. Outro aspecto também evidenciado foi o de que a tarefa do tradutor é extremamente árdua e complexa, pois ele enfrenta continuamente um embate subjetivo de

tentar ser o mais fiel possível a uma determinada obra, mas sem conseguir se despir de suas impressões pessoais (políticas, ideológicas, sociais, etc.) que dão ao texto traduzido certa visibilidade ao tradutor.

Nessa direção, o ideal da “fidelidade” e da “invisibilidade” do tradutor, já que nunca alcançado, sempre acarretará a imagem do trabalho tradutório como algo imperfeito, inferior, como já aponta Arrojo ao observar que a partir de uma visão essencialista, ou logocêntrica, “qualquer tradução será sempre ‘infidel’, em algum nível e para algum leitor, sempre ‘menor’, sempre ‘insatisfeito’, em comparação a um original idealizado e, por isso mesmo, inatingível” (ARROJO, 1993, p. 29).

No entanto, numa visão pós-estruturalista de tradução, muita coisa mudou em relação ao trabalho do tradutor, tal qual se observa nas ideias defendidas por Arrojo (1992, p. 104):

Traduzir [...] implica [...], em primeiro lugar, reconhecer seu papel essencialmente ativo de produtor de significados e de representante e intérprete do autor e dos textos que traduz. Além desse reconhecimento, é claro, cabe ao tradutor assumir a responsabilidade pela produção de significados que realiza e pela representação do autor a que se dedica. Ou seja, terá que estar sintonizado com o ideário de seu tempo e lugar e, conseqüentemente, com a visão que esse tempo e lugar lhe permitem ter do texto e do autor que interpreta.

Em outras palavras, é importante que o tradutor deixe de dar atenção aos aspectos conflituosos da sua profissão e engaje-se na árdua tarefa de produção de sentidos. Assim, certamente teremos textos cada vez melhores traduzidos e profissionais cada vez mais realizados, sem se preocupar com a fidelidade ou invisibilidade no texto que traduziu.

Outrossim, Arrojo ainda faz outro apontamento igualmente importante quando fala da marginalização dos profissionais em tradução no país. Sobre esse assunto, a autora observa que

[...] enquanto os tradutores persistirem em não refletir sobre o trabalho delicado e complexo que realizam e enquanto não se decidirem a cuidar das condições e dos rumos de seu ofício, terão que aceitar o destino de marginalização que essas instituições lhes reservam. Somente a partir da conscientização desses profissionais acerca do poder autoral que exercem e da responsabilidade que esse poder implica, as relações perigosas que têm organizado tradutores e traduções poderão se tornar mais honestas. (ARROJO, 1993, p. 31-32).

Logo, é imprescindível que os tradutores assumam a responsabilidade que carregam com o seu trabalho, que tem uma relevância social notável, e desempenhem com esmero a tarefa que lhes foi confiada, para que, assim, consigam o prestígio devido e possam transmitir os conhecimentos tão fundamentais principalmente para a academia, independentemente da língua em que as ideias foram escritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi discutido e pesquisado, nota-se que a tradução e a fidelidade de tradutor apresentam uma relação deveras conflituosa no árduo trabalho desse profissional que, muitas vezes é marginalizado no país.

Diante disso, vimos que a tarefa desempenhada por esse profissional é de extrema importância e precisa ser valorizada pelas equipes editoriais, academias e população em geral, pois sem o trabalho de tradução não teríamos acesso a teorias escritas em outras línguas, que não a vernácula.

Por fim, é válido dizer que os objetivos traçados para esta pesquisa foram alcançados, a saber “fazer um levantamento de ideias já concebidas, num viés crítico, com o intuito de perceber o que dizem vários pesquisadores sobre a relação tradução *versus* fidelidade” pois, através da pesquisa bibliográfica empreendida, foi possível compreender a relação existente entre a fidelidade e a tradução, numa perspectiva conflituosa para o profissional tradutor.

Logo, espera-se que esse tema seja inserido nos debates acadêmicos da atualidade e que se reconheça a importância social do tradutor, com suas características próprias e subjetivas, para que se alcancem cada vez mais resultados satisfatórios e imprescindíveis para a difusão de estudos científicos, materializados em obras ao redor de todo o globo.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução, a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2000. [1.ed. 1986]

_____.(org.). **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992.

_____.**Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, Francis Henrik. **As (In)Fidelidades da Tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 1994.

BOHUNOVSKY, Ruth. **A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”**: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. Artigo científico (UNICAMP). *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 8, 2001.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

VASCONCELOS, Maria Lúcia; JUNIOR, Lautenai Antonio Bartholamei. **Estudos da Tradução I**. Material de estudos do Centro de Comunicação e Expressão. UFSC, 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WILSS, Wolfram (org.). **Knowledge and Skills in Translator Behaviour**. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publ., 1996.